"Não basta saber,
é preciso também aplicar. Não basta querer,
é preciso também agir."
Goethe

DPASCHOAL

OWENS CORNING

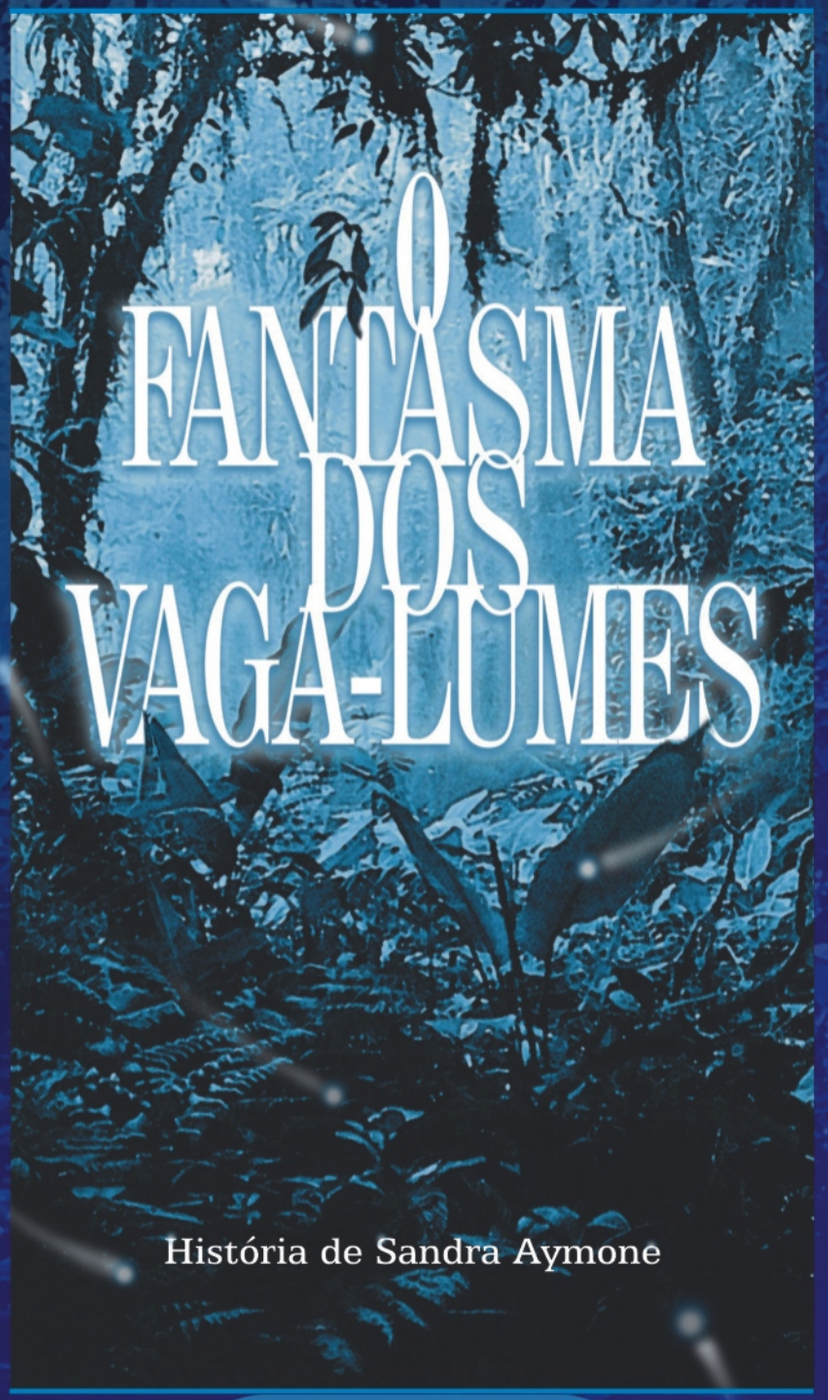
Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto:

ISBN 85-87507-69-9

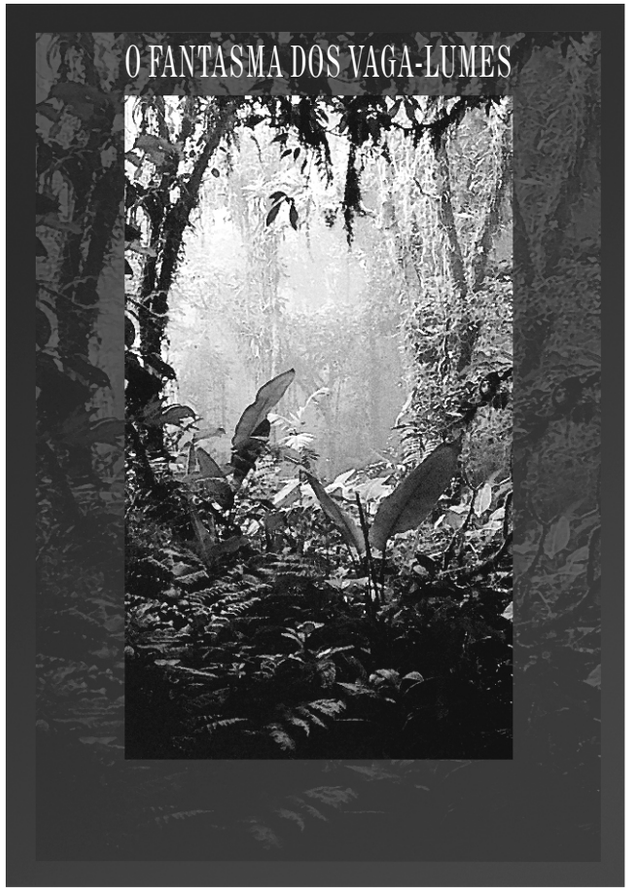
15 ANOS FUNDAÇÃO EDUCAR DPASCHOAL

FAÇA PARTE INSTITUTO BRASIL VOLUNTÁRIO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA



EDITORA EDUCAR DPASCHOAL



HISTÓRIA DE SANDRA AYMONE

LEI DE INCENTIVO A CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Autora:
Sandra Aymone

Coordenação editorial:
Camila Bellenzani
Maria Fernanda Moscheta

Projeto gráfico e diagramação:
Lápis de Cor & Mauro Matuck

Ilustração:
Mauro Matuck

Revisão:
Educadores Juvenis Academia Educar
Francisco José Couto

Realização:
Editora Fundação EDUCAR DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br / Tel: (19) 3728-8129

Todos os livros da Fundação EDUCAR são distribuídos gratuitamente a escolas públicas, instituições e bibliotecas.

Esta obra foi impressa em cartão couche 170 g/m² (capa) e masterset 90 g/m² (miolo), produzidos pela Ripasa S/A Celulose e Papel em harmonia com o meio-ambiente, na Gráfica Editora Modelo Ltda., no ano de 2004, com tiragem de 50.000 exemplares para esta 1ª edição.

UMA LIGAÇÃO INTRIGANTE

– Acho que é uma emergência! – disse Júlia, aflita.

– Jura? E o que a gente pode fazer? – perguntou Solange.

– Ir para lá! Já! – respondeu a amiga.

– Será que é tão grave? – duvidou Solange. – Vamos conversar com calma. Estou indo para aí. – E desligou.

Solange e Júlia eram colegas da escola e amigas pro que desse e viesse. As duas estavam com 15 anos, e a distância entre suas casas era de alguns quarteirões, de modo que podiam se encontrar sempre que desse vontade. A conversa daquele dia aconteceu depois de Júlia ter recebido uma ligação, no mínimo, intrigante. Sua prima Bia, que estava passando férias numa cidade do interior, tinha telefonado apavorada, falando de fantasmas.

Em poucos minutos, Solange chegou à casa de Júlia.

– Conte direito. O que a Bia disse?

Júlia respondeu:

– Ela está numa fazenda que é do pai da Carla, amiga dela. Disse que à noite olhou pela vidraça da sala de jantar e viu um homem parado lá fora. Quando perguntou à Carla quem era ele, ela disse que não estava vendo ninguém! Quando a Bia olhou de novo, o cara tinha sumido!

– Ué, pode ser alguém que estava passando por ali... – alegou Solange.

– É, mas ela disse que todo dia, quando vai dormir, no andar de cima, vê o cara lá embaixo, olhando pra janela do quarto. Quando ela chama alguém pra ver, ele desaparece. Ela diz que ele tem uma cara agoniada e jeito de fantasma...

Solange deu risada:

– Jeito de fantasma? Essa é boa! Eu também estou com jeito de fantasma, há três meses sem pegar uma praia. Vai ver, o sujeito está a fim dela...

Júlia ficou impaciente:

– Sem chance! O cara é um coroa, com cara de avô! É sério, Solange! Ela está apavorada e disse para irmos para lá...

Solange não achou a idéia tão simples:

– Primeiro: quero ser mico de circo se nossas mães deixarem a gente ir sozinha pra essa tal cidade de Coqueiral...

– Bambuzal. E nem é uma cidade. É um distrito de Presidente Pereira...

– Bambuzal, coqueiral, matagal, é tudo igual! Segundo: a gente nem conhece a família da Carla, e eles podem não estar muito a fim de hóspedes extras!

Júlia contra-atacou:

– Então, primeiro: se a gente convencer o Danilo a ir junto, nossas mães deixam fácil. E segundo: a Bia falou que as duas ficam sozinhas o dia todo, só com os empregados. O pai da Carla sai cedinho e só volta à noite, e não interfere no que ela faz. Ela mesma falou que a Bia podia chamar uns amigos para lá.

Solange, que se dava bem com Danilo, o irmão de

17 anos da Júlia, começou a gostar do plano.

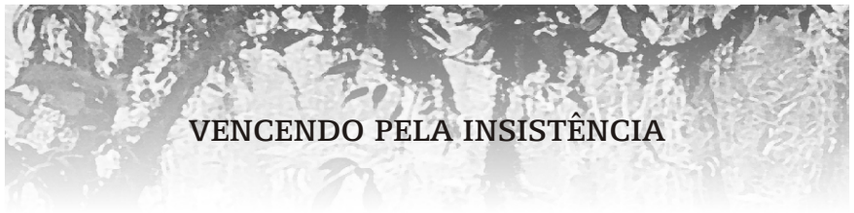
– Será?

Até que a idéia não era ruim. As duas tinham acabado de entrar em férias e não iam poder viajar. Os pais de Júlia estavam tentando economizar para dar entrada num apartamento e a mãe de Solange estava recebendo uns parentes em casa. Só gente mais velha e desinteressante.

Solange ainda perguntou:

– E a mãe da Carla?

– Mora aqui na cidade, com ela, mas está viajando, acho que num congresso. O pai e a mãe são separados. A Carla só vê o pai nas férias, quando vai para a fazenda. Mas parece que ele não tem muito tempo para ela...



VENCENDO PELA INSISTÊNCIA

A dolescente, quando quer uma coisa, sabe insistir como ninguém. E foi na base da insistência que as duas convenceram Danilo a ir com elas... prometendo altas pescarias e até um cavalo à disposição. Ele concordou, com a condição de levar seu amigo Luciano. As duas acharam que estava tudo bem.

Conseguida a primeira vitória, partiram para a segunda etapa: convencer as mães. Depois de vários telefonemas, inclusive para o sr. Armando, pai da Carla, elas finalmente deixaram.

No dia combinado, a mãe de Júlia e Danilo levou os

quatro para pegarem o ônibus. Luciano já chegou perguntando:

— Será que lá nessa fazenda tem computador?

Ninguém soube dizer.

— O Luciano é fanático por Internet! Se deixarem, acho que fica morando no laboratório de informática do colégio! — brincou Danilo.

Em algumas horas, chegaram à Rodoviária de Presidente Pereira e pegaram outro ônibus — tão velho que parecia que ia desmontar — até Bambuzal. Lá encontraram uma charrete, enviada pelo sr. Armando, para levá-los até a fazenda.

O charreteiro explicou:

— O sinhô Armando achou que ocês ia gostar de passear de charrete...

Danilo reclamou, baixinho, para Júlia:

— E eu lá vim aqui pra andar de charrete? Cadê o meu cavalo?

— Calma, logo você vai ter um! A fazenda é grande, deve ter uma porção.

Danilo resolveu puxar conversa com o charreteiro, que se chamava Zé da Bica.

— Tem algum rio por aqui, seu Zé?

— Tem um riacho, sim sinhô. A gente chama ele de riacho Fundo.

— E é bom pra pescar? — quis saber Danilo.

— Já foi, seu moço, muito tempo atrás. Hoje os peixes não querem mais viver nele, não. Os que tinha, morreu quase tudo...

Júlia e Solange fingiram não ver o olhar de Danilo fuzilando as duas...

Luciano olhou os caniços e o molinete novo que o amigo

tinha trazido e começou a rir, entrando na conversa.

— Mas seu Zé da Bica, como pode aqui, longe da cidade grande, um rio ficar sem peixes?

— Diz que é por causa do curtume... — respondeu Zé.

— Ah, sei... — tornou Luciano. E dirigindo-se ao amigo

— Já ouvi falar que curtume causa muita poluição, principalmente na água. Isso deve ter acabado com os peixes.

— E quem é esse sujeito inconveniente, pra não dizer pior, que resolveu ter um curtume justo aqui em Bambuzal? — perguntou Danilo, indignado.

Zé da Bica respondeu calmamente:

— É o meu patrão, sinhô Armando, dono da fazenda pra onde tô levando ocês...

Os quatro riram amarelo e mudaram de conversa.

VENDO COISAS?

Carla ficou supercontente ao ver o pessoal chegar. Pelo jeito, suas férias iam ficar bem mais animadas! Ela era tímida e nova na cidade. Só tinha feito amizade com Bia, que era o oposto: falava pelos cotovelos e conhecia todo mundo. Danilo achou Carla uma gatinha e logo puxou assunto com ela. Enquanto os dois conversavam, Luciano, Júlia e Solange comentaram entre si o estranho comportamento de Bia, que permanecera quieta e pensativa. Em determinado momento, Bia falou:

— Sei lá, vai ver que estou ficando louca... Mas eu vi, juro!

Luciano tratou de acalmá-la:

— Que é isso, menina? Se aqui tem um mistério, pode ter certeza que a gente vai descobrir! Vamos mostrar a esse fantasma que com a gente não tem moleza!

— Não brinque com isso, falou? — ofendeu-se Bia

— Eu não estou inventando nada, é sério!

— E quem está brincando? Vamos esclarecer essa história rapidinho! — garantiu Luciano.

Carla ouviu e interferiu:

— Que é isso, gente? Na minha fazenda nunca teve nem vai ter fantasma. A Bia deve estar nervosa.

Todos perceberam que a menina não estava levando o assunto numa boa.

Depois do jantar, um empregado da fazenda trouxe um recado do Sr. Armando. Ele tinha precisado viajar de repente e só voltaria em alguns dias. Como nada de anormal acontecesse, todos começaram a se preparar para dormir. Carla prometeu levá-los à cocheira para ver os cavalos no dia seguinte, e eles planejaram um passeio. Júlia e Bia subiram primeiro para o quarto. Danilo, Carla, Solange e Luciano ficaram mais um pouco na sala, combinando detalhes. Ao olhar através da porta do escritório, Luciano viu que havia um computador e logo quis saber se tinha acesso à Internet. Tinha.

— Mas só quem liga sou eu. Meu pai diz que não gosta. — esclareceu Carla.

De repente, ouviram a maior gritaria no andar superior.

— É ele! Eu não disse?! Olha ele lá!!

— Socorro!! O fantasma!!

Os quatro subiram correndo e viram as duas abraçadas, de olhos arregalados, mais brancas que papel, olhando em direção à janela.

Danilo olhou e só conseguiu ver um vulto branco, que

rapidamente sumiu.

Depois de muita água com açúcar, as duas se acalmaram, mas só aceitaram dormir de luz acesa, e com a promessa de que os meninos ficariam no quarto ao lado.

Agora o fantasma tinha mais uma testemunha, Júlia.

Não, Bia não estava vendo coisas...

LIMPANDO O CAMINHO

Quando amanheceu o dia seguinte, todo luminoso, o medo de fantasma pareceu uma sensação distante, quase impossível.

Carla mandou selar um cavalo para cada um, e saíram todos para o passeio. Foram margeando o rio, em direção ao povoado. Perceberam que o povo da região era muito descuidado em relação ao lixo. Nas margens e nas águas do rio, a todo instante, viam sacos plásticos, latinhas de cerveja, embalagens de alimentos e garrafas de refrigerante tipo PET. Ao encontrar um saco maior, Danilo teve uma idéia. Amarrou-o na sela do cavalo e, com uma varinha, foi catando esses materiais e colocando no saco. As meninas gostaram da idéia e fizeram o mesmo.

Em certo momento, ao ver Solange tentar pegar uma embalagem, Luciano gritou:

— Cuidado! Não mexa nisso!

A menina parou, sem entender. Luciano explicou:

— Isso é uma embalagem vazia de agrotóxico! É proibido jogar essas embalagens no lixo, e na natureza é pior ainda! A pessoa que usou devia ter levado num posto de recebimento que existe pra isso. Sabiam que tem até uma

lei sobre esse assunto?

Júlia ficou admirada:

– Nossa! Que pessoa descuidada! Não está nem aí se prejudica os outros!

Danilo completou:

– Com certeza é algum agricultor que não parou pra pensar que essa embalagem pode poluir a mesma água que, depois, a família dele vai beber!

Solange sugeriu:

– Quando chegarmos a Bambuzal, vamos perguntar onde fica esse posto de que o Luciano falou e avisar para recolherem.

Júlia comentou baixinho com Bia:

– Já reparou como a Solange está dando a maior bola pra tudo o que o Luciano fala? Aí tem coisa...

As duas riram.

Carla perguntou a Danilo:

– O que você pretende fazer com todo esse lixo que está recolhendo?

– Vou entregar em um posto de reciclagem de lixo do povoado. Deve ter algum lá, né?

– Que eu saiba, não tem, não... – disse Carla.

– Deve ter alguma escola ou igreja que recolha esses materiais! Será que não? – insistiu Danilo.

– Nunca soube que tivesse. Isso não é tão comum em lugares pequenos como esse. Eu mesma só comecei a separar o lixo quando me mudei para a cidade de vocês.

Danilo, Luciano, Bia, Júlia e Solange, que estavam superacostumados a separar o lixo reciclável em casa, na escola e em todos os lugares, acharam absurdo ainda existirem locais onde não se fazia isso. Júlia falou:

– Será que as pessoas não percebem que vai chegar

uma hora em que não vai ter mais espaço no mundo pra todo o lixo que se produz? Além do mais, o trabalho com lixo reciclável dá emprego pra muita gente que precisa!

– Minha mãe sempre diz que reciclar lixo é uma ótima forma de fazer o bem aos outros sem gastar um tostão! – comentou Bia.

– Puxa, eu nunca tinha pensado no quanto isso é importante! – confessou Carla. – Sabe o que podemos fazer? Vamos procurar a dona Heloísa, a diretora do grupo escolar, e falar sobre isso com ela.

Todos acharam que era uma boa idéia.

Quando chegaram ao povoado, decidiram dar umas voltas para conhecê-lo. Era um lugar bem pequeno e quase sem movimento. O prédio mais alto tinha três andares. Contava com os serviços básicos: agência bancária, posto de saúde, mercado, delegacia, igreja, escola...

No grupo escolar, pediram para falar com dona Heloísa. Ela ficou muito feliz em conversar com os jovens e recebeu muito bem as idéias deles sobre reciclagem de lixo.

– Aqui tem muita gente pobre que iria se beneficiar com um trabalho desse tipo – disse ela. – Já tive vontade de fazer algo assim. O problema é que nesta região não existem empresas interessadas em comprar o material... pelo menos, eu nunca ouvi falar...

– A gente pode fazer uma pesquisa na Internet! –

lembrou Luciano. – Vocês têm computador?

– A escola ganhou um, sim – disse a professora. – Só que a pessoa que vinha dar o treinamento ainda não apareceu...

– Então, dá licença.

Num instante Luciano colocou o equipamento para funcionar, e começou a fazer uma busca. Dona Heloísa ainda falou:

– O lixo não é o único problema em Bambuzal. A poluição está acabando com a pesca, que era o meio de vida de muita gente daqui. E não é só isso. O desmatamento na região diminuiu a quantidade de chuvas. Logo vai ser preciso racionar água. Além disso, a vegetação que ainda existe também está sendo prejudicada. E muitos animais nativos estão desaparecendo...

Mesmo sabendo que uma das causas disso era o tal curtume, ninguém tocou no assunto, com receio de ofender Carla.

Em pouco tempo, Luciano descobriu que havia, em cidades vizinhas, indústrias interessadas na compra de latas de alumínio e plásticos.

– O único problema é transporte – ele disse. – Eles não vêm buscar. Vocês precisariam arranjar um caminhão ou caminhonete para levar o lixo reciclável até lá...

Todos ficaram sem saber o que fazer diante da dificuldade, até que Carla falou:

– Podem deixar, vou convencer meu pai a doar uma caminhonete da fazenda e ainda pagar a gasolina!

A idéia foi recebida com palmas e muita alegria.

Já estava chegando a hora do almoço, e eles se despediram de dona Heloísa, que prometeu arranjar mais

um aliado – o padre Simão – para fazerem os cálculos e começarem a cadastrar os interessados no trabalho.

– Amanhã a gente volta! – comprometeu-se Danilo antesde sair a galope com seu cavalo. Ele se sentia o próprio herói dos antigos filmes de faroeste...

CORONEL DELMIRO

Naquela noite, Solange, Danilo e Luciano decidiram dar uma volta a pé pelas redondezas, na direção onde achavam que o "fantasma" tinha ido. Bia e Júlia, mais medrosas, ficaram em casa. Carla, que não parecia demonstrar nenhum interesse no assunto, também ficou.

Com a ajuda de uma lanterna, os três saíram andando. O terreno ali era bastante irregular, cheio de arbustos e rochas de todos os tamanhos.

A certa altura, Solange, que tinha ficado um pouco para trás, ouviu atrás de si o barulho de um graveto quebrado. Seu coração deu um salto. Apressou o passo e aproximou-se dos rapazes, chamando sua atenção.

Os dois pararam de andar e olharam para trás.

Nesse exato momento, Danilo sentiu uma mão fria em seu ombro.

Foi impossível não gritar.

Antes que os três morressem de susto, uma figura conhecida apareceu diante da luz da lanterna.

– Seu Zé da Bica! – exclamou Danilo. – Era o senhor?

– Bonito, hein, seu Zé? – repreendeu Solange.

– Se fazendo de fantasma para assustar os outros!...

– Não fiz isso, não, dona moça – negou o charreteiro. –

Esse fantasma existe mesmo. Muita gente daqui já viu e sabe até quem ele é...

Luciano ficou impaciente:

– E o que o senhor veio fazer aqui agora?

– Vim olhar os moços – disse Zé. – Ocês podia assustar se topassem com ele.

Danilo sentou numa pedra e exigiu:

– Então conte toda essa história direito!

Os outros também se sentaram, e Zé da Bica contou.

Naquela região, mais de cem anos atrás, havia um fazendeiro muito querido, o coronel Delmiro. Hoje ainda existiam algumas ruínas da casa onde ele morava, quase escondidas pelo mato. Esse fazendeiro era um homem muito bom. Ele ajudava tanto o povo, que foi como se nunca tivesse morrido. O coronel Delmiro também protegia as florestas e as águas, e nunca deixava ninguém caçar nas suas terras. Depois que ele morreu, todos os anos, numa certa noite de verão sem lua, quem não tivesse medo podia ver um espetáculo maravilhoso: a casa reaparecia como se estivesse nova, toda pintada de branco, com as janelas abertas e um jardim cheinho de roseiras! Olhando pela porta, dava para ver o fazendeiro, sentado calmamente na cadeira de balanço, conversando com sua esposa. Tudo ficava iluminado pelas luzes de milhares de vaga-lumes!

– É por isso que não presta matar vaga-lume, são eles que faz o mistério das luzes… – afirmou Zé da Bica, continuando, com seu jeito um tanto rústico de falar:

– Meu pai viu isso muitas vez, era um homem corajoso. Eu também vi quando era moço. Era uma coisa de deixar a gente de perna bamba! Mas agora, tudo ficou diferente. As mata tão sendo derrubada, a água do rio não serve

mais pra beber e os bichos tão desaparecendo… Tão acabando com os vaga-lume, e a mágica da casa do coroné não acontece mais…

Os três ficaram impressionados com a história. Solange quis saber:

- Você acha que esse fantasma que está aparecendo na fazenda do sr. Armando é o coronel Delmiro?

– Tenho certeza – confirmou Zé. – Ele deve de tá querendo chamar a atenção de alguém, pedindo ajuda. A alma dele não deve tá tendo sossego com as coisa que o bisneto anda aprontando...

– Bisneto? Que bisneto? – estranhou Luciano.

– O sinhô Armando, oras...

"HÁ MAIS COISAS ENTRE O CÉU E A TERRA..."

Os jovens voltaram para a casa tentando arrumar aquela história na cabeça. Chegando lá, contaram tudo para as meninas. Carla logo reagiu:

– Já ouvi essa história e não acredito! Isso é coisa de matuto! Me admira vocês, gente bem-informada, acreditarem em fantasmas...

Júlia retrucou:

– "Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode supor a nossa vã filosofia"!

– Que é isso? – perguntou Carla.

– William Shakespeare – esclareceu Danilo. – Não acredito em fantasmas, mas sei que existem muitas coisas que a ciência ainda não conseguiu explicar.

Luciano foi mais objetivo:

– O que menos importa nessa história é se existem ou não fantasmas! O que acontece é que estamos vendo uma natureza linda ser destruída pela falta de consciência de certas pessoas! E isso precisa parar, senão, no futuro, não vai ter mais mundo onde os nossos filhos possam viver!

– Uma dessas pessoas de que você está falando é meu pai, não é? – disse Carla, visivelmente nervosa, já começando a chorar. – Minha mãe não quis mais viver com ele e já tem até outro namorado... E agora vocês querem que eu também fique contra o meu pai?!

Dizendo isso, correu para o quarto. Bia foi atrás dela, e os outros ficaram na sala, desconcertados com a reação da menina.

O SENHOR ARMANDO

No dia seguinte, logo cedo, Solange e Luciano já tinham ligado o computador da fazenda e estavam buscando informações na Internet. Queriam saber mais sobre a poluição provocada pelos curtumes. Descobriram que, se não forem tomados os devidos cuidados, esse tipo de atividade pode poluir o solo e as águas dos rios com resíduos orgânicos, óleo e sais de cromo, além de liberar um forte mau cheiro. Para evitar tudo isso, é necessário haver um "projeto de adequação ambiental", quer dizer, os resíduos precisam receber um tratamento antes de ser despejados.

Isso não acontece só com os curtumes. A maior parte das indústrias gera resíduos que podem poluir o ar e a água, mas é possível cuidar para que eles não façam mal

ao meio ambiente. Existem hoje muitos tipos de equipamentos criados para essa finalidade, que podem ser instalados.

– Existe até um tal de "reator anaeróbio" – descobriu Luciano – que está dando bons resultados nos curtumes.

– Foi um desses que acabei de comprar! – disse uma voz de homem atrás dos dois.

Os jovens olharam surpresos e deram de cara com um senhor que devia ser o pai da Carla.

– Senhor Armando? – perguntou Solange.

– Sou eu mesmo! Muito prazer! Vocês devem ser os amigos da Carla e da Bia...

Luciano ficou sem jeito por ter sido pego pesquisando sobre curtumes. Começou a querer se explicar, mas a chegada de Carla, que tinha acabado de acordar e estava descendo para a sala, salvou-o da saia justa...

– Papai!!

O sr. Armando abriu os braços para a filha. Danilo, Júlia e Bia desceram em seguida. Depois dos abraços e apresentações, o sr. Armando retomou a conversa e falou aos jovens sobre o curtume.

– Quando o comprei – explicou – ele já existia havia alguns anos e tinha sido construído nos moldes antigos, sem preocupações com a preservação do ambiente. Eu já tinha esta fazenda, que é uma herança de família, e quis ter mais um negócio na região. Naquela época, eu e sua mãe já estávamos nos desentendendo – disse, olhando para Carla. – Ela não queria viver no interior, e começamos a brigar muito, até que nos separamos. Eu não queria que isso acontecesse, passei muito tempo sofrendo, inconformado. Durante esse período, não me importava com nada. Deixei o curtume continuar poluindo, deixei gente sem escrúpulos derrubar muitas

árvores em minhas terras, fazer queimadas... Sei que fui o responsável, e agora quero reparar meus erros...

– Me desculpe pela curiosidade, sr. Armando... – começou a dizer Danilo.

– Pode me chamar de Armando; fale, não tenha medo! – disse o pai da Carla.

– Qual foi o motivo dessa mudança? Nós ouvimos a história de um fantasma...

– Danilo! – repreendeu Júlia.

Todos pensaram que Armando fosse ficar bravo, mas ele se tornou pensativo. Depois disse:

– Ouvi muitas vezes a história da casa fantasma iluminada pelos vaga-lumes, quando era criança. É uma lenda do lugar. Meu bisavô era um homem muito bom, quase um santo, e o povo o venera. Não o conheci, só por fotos. Mas poucos dias atrás, depois do jantar, pensei ter visto alguém lá fora. Parecia ser um homem, e lembrava muito meu bisavô. Estava escuro, não dava para ver direito. Assim que saí, o vulto sumiu. Fui andando até entrar no mato. Quando fiquei cansado, sentei encostado a uma pedra e acho que dormi. Então, sonhei. Meu bisavô apareceu no sonho e conversou comigo. Foi incrível! Ele me fez ver o quanto minha atitude estava prejudicando as pessoas e a natureza. Quando acordei, me senti tão leve! Parecia que meus problemas tinham se evaporado! Agora vejo tudo mais claro. Quero recuperar a natureza e o amor da minha filha!

– Nunca deixei de amar você, papai! – disse Carla, abraçando-o com força.

Todos ficaram com os olhos cheios d'água diante da cena.

Depois, Bia e Júlia pediram para ver as fotos do coronel. Ficaram impressionadíssimas.

– É ele, temos certeza!

Passadas as emoções, os jovens contaram a Armando que precisavam ir ao povoado conversar com dona Heloísa e o padre Simão sobre o projeto de reciclagem de lixo. Ele ficou admirado:

– Em tão pouco tempo vocês já agitaram tudo isso?

Carla contou que tinha ficado de conseguir a caminhonete com ele. Armando sorriu e não só concordou em ceder o veículo como se colocou à disposição para o que mais fosse necessário.

PENSAR E AGIR

Danilo, Carla, Solange, Luciano, Bia e Júlia ficaram supercontentes de chegar ao povoado com aquela boa notícia.

O padre Simão gostou tanto da idéia, que colocou à disposição um barracão pertencente à igreja para que a oficina de reciclagem pudesse funcionar. Várias pessoas que se encontravam desempregadas seriam contratadas para fazer a triagem do material.

Na impressora da escola, Luciano imprimiu folhetos para serem distribuídos nas casas, com instruções sobre a separação do lixo e o dia da semana em que ele seria recolhido pela caminhonete.

Júlia teve uma idéia:

– Onde posso conseguir alguns latões fora de uso?

– Acho que no posto de gasolina – informou dona Heloísa.

Os dois rapazes se prontificaram a ir buscá-los. Conseguiram quatro.

– Ótimo! – falou a menina.

Com algumas tintas conseguidas na escola, Júlia pintou cada um de uma cor. No azul escreveu PAPEL, no verde escreveu VIDRO, no amarelo, METAL e no vermelho, PLÁSTICO.

– Quanto capricho! – aplaudiu Carla.

Depois que a tinta secou, conseguiram autorização para colocá-los enfileirados numa esquina da praça central.

– Pronto! – disse a menina, de mãos na cintura, olhando orgulhosa para o resultado de seu trabalho. – Agora ninguém em Bambuzal pode dizer que não sabe o que é lixo reciclável!

Dona Heloísa e o padre Simão agradeceram muito a todos pela colaboração.

– Logo vou fazer uns contatos e conseguir compradores também para o papel e o vidro! – comprometeu-se o padre.

Depois do jantar, todos já estavam caindo de sono. Tinha sido um dia cheio! Mas Solange ainda teve mais uma idéia:

– Que tal se a gente imprimisse uns folhetos com dicas sobre economia de água? A dona Heloísa pode distribuir na escola!

Todos acharam a idéia ótima. Luciano abriu a boca num bocejo enorme e falou:

– Amanhã a gente faz isso...

E foi dormir.

CADA COISA EM SEU LUGAR

No dia seguinte, Solange cobrou o folheto de Luciano, que foi correndo ligar o computador. Júlia piscou o olho para Bia:

– Olha como ele obedece rápido! Isso ainda vai dar em casamento!...

Depois de várias sugestões, muita discussão e algumas pesquisas na Internet, o folheto ficou assim:

DICAS DE ECONOMIA DE ÁGUA
NÃO AO DESPERDÍCIO! SIM À ECONOMIA!

Água é fonte de vida. Todos nós dependemos dela para viver.

Durante o banho

Um banho demorado chega a gastar de 95 a 180 litros de água limpa. Banhos de, no máximo, 5 a 15 minutos economizam água e energia elétrica.

Durante a escovação dos dentes

Escovar os dentes com a torneira aberta gasta até 25 litros. O certo é primeiro escovar e depois abrir a torneira apenas o necessário para o enxágüe.

Ao dar a descarga

Uma descarga no vaso chega a utilizar 20 litros de água

em um único aperto. Por isso, aperte a válvula apenas o tempo necessário, e não jogue lixo no vaso sanitário.

Ao usar as torneiras

Uma torneira aberta gasta de 12 a 20 litros de água por minuto. Se estiver pingando, são 46 litros por dia.

Ao lavar louça

Lavar louça, panelas e talheres com a torneira aberta o tempo todo acaba desperdiçando até 105 litros. O certo é primeiro ensaboar e esfregar, e depois enxaguar tudo de uma só vez.

Ao lavar calçadas

Muitas pessoas costumam utilizar a mangueira como vassoura e desperdiçam muita água durante a lavagem das calçadas. O certo é utilizar a vassoura e, quando necessário, o balde, em vez de deixar a mangueira aberta o tempo todo, gastando até 300 litros de água.

Ao lavar roupas

Use a máquina de lavar apenas quando tiver juntado bastante roupa suja.

Ao lavar o automóvel

Lavar com a mangueira proporciona um gasto médio de 560 litros em 30 minutos. Ligue a mangueira apenas quando for realmente preciso. Usando o balde em vez da mangueira, a economia será de 520 litros.

Ao molhar plantas

Usando direto a mangueira, o gasto médio é de 186 litros em 30 minutos. Usando um esguicho tipo "revólver", que libera a água só quando acionado, a economia será de 96 litros. Armazene a água da chuva para molhar suas plantas.

Vazamentos

Feche o registro e todas as torneiras, e observe se o hidrômetro continua movimentando os ponteiros. Se isso ocorrer, existe vazamento.

Todos aprovaram o trabalho, e Armando "paitrocinou" o papel para a impressão.

– Sempre tive uma certa resistência em aprender a mexer com computadores – confessou ele. – Mas agora vejo que é um recurso e tanto! Assim que puder, vou fazer um curso!

Carla lembrou-se de comentar com ele sobre a embalagem vazia de agrotóxico que eles haviam encontrado no caminho.

– Estou cuidando disso também. Já mandei construir um depósito só para guardar essas embalagens. Logo estará pronto. Vai ficar sempre trancado. De tempos em tempos, vou juntar tudo e levar num posto de recebimento.

– É, mas se não treinar direitinho os colonos, eles vão continuar fazendo essas bobagens! – insistiu a menina.

– Tudo bem! – concordou o pai. – Vou chamar o meu

agrônomo para dar aos colonos um curso completo sobre cuidados com agrotóxicos. Está bom assim?

– Está ótimo! – sorriu Carla.

UMA VISÃO, UM ADEUS

À noite, todos ficaram até mais tarde na sala, comentando a animação de dona Heloísa quando lhe entregaram, naquela tarde, os folhetos sobre economia de água! Ela até separou uma parte para o padre Simão distribuir na igreja, depois da missa de domingo.

Num dado momento, Solange, Danilo e Luciano disseram que estavam com sono e subiram.

Algum tempo depois, Júlia olhou para a janela e deu um grito:

– Olhem!!

Armando, Carla e Bia olharam.

Três vultos brancos deslizavam pelo jardim.

Bia arregalou os olhos:

– Não acredito! Os fantasmas estão atacando!

Armando também olhou, assustado no início e depois divertido:

– Acho que esses fantasmas acabaram de sair da lavanderia! Parecem até nossos lençóis brancos!

Olhando melhor, as meninas perceberam Danilo, Luciano e Solange pregando-lhes uma peça. Resolveram, então, correr atrás deles. Até Armando foi.

O grupo saiu correndo, noite adentro, uns fugindo, outros querendo pegá-los, até que todos pararam de repente, como que hipnotizados.

Numa clareira, puderam ver perfeitamente, toda brilhante, iluminada por centenas de vaga-lumes, a casa do coronel Delmiro, tal e qual fora um dia. Na soleira da porta aberta, viram o fazendeiro sorrindo tranqüilamente. Uma das mãos estava no ombro da esposa e a outra segurava uma rosa, que ele parecia oferecer ao grupo boquiaberto.

No instante seguinte, a visão desapareceu.

Todos voltaram para a casa em silêncio, mal acreditando no que seus olhos haviam visto.

Ao entrarem, Júlia percebeu lágrimas caindo dos olhos de Armando.

– Acho que essa foi a última vez que ele apareceu para nós - disse Júlia.

– Que descanse em paz! – completou Bia.

EPÍLOGO

No verão seguinte. Danilo estava se preparando para ir até a fazenda de Bambuzal. Ele e Carla estavam namorando firme. Luciano chegou, de mãos dadas com Solange.

– E aí, firmeza? A Carla já foi pra lá?

– Só. Ela foi na frente, porque começou a organizar uma espécie de grupo de jovens em Bambuzal, e os encontros já começaram.

– Puxa, como ela ficou animada! – admirou-se Solange.

– Acho que vou aparecer por lá pra ver esse grupo.

– Vai, sim! – disse Danilo. – Eles começaram a se reunir pra dar uma força a uma creche. Vão fazer uma campanha. Mas o plano é atuar em várias outras coisas.

– E a oficina de reciclagem? – quis saber Luciano.

– Está dando certo! – contou Danilo. – Já deu até pra eles comprarem um furgãozinho. E sabe quem é o motorista? O Zé da Bica!

– Que demais! Queremos dar um pulo lá, sim, mas não sei se vai dar porque a gente também está com uns projetos aqui... A mãe da Solange é voluntária num asilo. Se tudo der certo, vamos reunir umas bandas e fazer um show pra arrecadar alimentos.

Luciano deu uma olhada na bagagem de Danilo e mudou de assunto:

– E aí? Não vai levar o caniço? Fiquei sabendo que os peixes voltaram ao riacho Fundo!

– Acho que não... – respondeu o rapaz. – Perdi a vontade. Deixa para os outros. Se agora lá tem peixe, isso se deve um pouco a nós. E não sou eu quem vai tirar o sossego deles...

E continuou a arrumar sua mala.

FIM

O CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE NO SÉCULO 21

A população humana na Terra cresce dia a dia, ao mesmo tempo em que também crescem as preocupações em relação à destruição da natureza.

Como conciliar o desenvolvimento inevitável de cada país, para suprir as necessidades de uma população crescente, com a urgência de preservar o meio ambiente?

A única saída é o Desenvolvimento Sustentável, ou seja, um crescimento econômico que seja capaz de manter a natureza em boas condições, para que as próximas gerações não fiquem prejudicadas.

O movimento ambientalista em nosso país ganhou impulso a partir da I Conferência Mundial da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, mais conhecida como Eco-92, que foi realizada no Rio de Janeiro. Este foi o evento mais importante que a humanidade produziu até o Século 20 para tratar da saúde do planeta.

A Eco-92 elaborou vários documentos. O mais importante deles foi a Agenda 21, que é um conjunto de diretrizes a serem executadas em escala nacional, regional e local, para enfrentar a crise ambiental. Seu nome se refere ao século em que estamos vivendo, o Século 21.

Os 40 capítulos que compõem a Agenda formulam mais

de duas mil recomendações e soluções para governos, instituições de desenvolvimento e empresas em todos os âmbitos nos quais a ação do homem afeta o meio ambiente.

Um dos objetivos dessa Agenda 21 Global é oferecer subsídios para que cada país elabore sua própria Agenda, adaptada à sua realidade. Para elaborar a Agenda 21 Brasileira, foi formada a Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional – CPDS. Também existe a proposta de criar as Agendas 21 Locais, de modo a implantar o desenvolvimento sustentável nas cidades e comunidades. Qualquer cidadão pode fazer parte desse processo, seja por meio de iniciativas comunitárias (bairro, escola, empresa, sindicato etc.), por meio do Fórum da Agenda 21 (a ser criado por lei/decreto Municipal), ou ainda integrando os Grupos de Trabalho.

No entanto, não devemos nos esquecer de que nossas atitudes diárias também são de grande importância para a preservação do meio ambiente. Ao evitar o desperdício de água, energia elétrica e alimentos, ao eliminar atitudes causadoras de poluição ambiental e, principalmente, ao informar outras pessoas sobre a importância dessas medidas, você já estará fazendo sua parte em favor do futuro da humanidade.